

# ENSAYO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
RUA DAS TRINCHEIRAS  
NUMERO 34.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE MENSALMENTE A  
RAZÃO DE 200 RS. PAGOS  
NA ENTREGA.



*De Deus é maldição a ignorancia  
Nas azas da instrucção ao céu subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

REDACTORES = OLIVEIRA ESCOREL E HENRIQUE CAPITOLINO.

## O ENSAIO

RECIFE 20 DE AGOSTO DE 1875

Mais um campeão atira-se hoje na arena jornalística — O ENSAIO.

Muito embora surjam de dia em dia d'entre a mocidade centenares de folhas, como tubas cujo clangor despertará o povo para um dia assistir talvez a sua regeneração; muito embora nellas se vejam o cunho de intelligencias apuradas, que com idéas tão luminosas, principios tão sãos, anciosas se preparam para a grande lida da humanidade, para o tirocinio social que se acha inscripto no mappa de todos os povos, e maxime em sua propria natureza, resistir tomar parte nesta luta, seria tornar-se um filho desnaturado, que não acode ao reclamo de sua mãe patria em seus momentos de ferrenhas torturas, seria deixar que se engolfasse no abysmo a posteridade.

E eis que mais um soldado se enfileira nesta cruzada, ainda que agora é que raíam nos horisontes de sua acanhada intelligencia as primeiras idéas.

A imprensa, esta tribuna universal d'onde os povos antigamente e ainda hoje mantêm os seus direitos, pugnando sempre pela sua liberdade, constitue para nós uma grande escola em que vamos desenvolvendo as nossas intelligencias para a luta que é grande e para a qual todo esforço é pouco.

Caminhemos, caminhemos por entre os espinhos que juncam a estrada de nossa passagem, façamos vigílias para solver o problema social, para que não deixemos que se atirem as nossas aspirações no abys-

mo, cujas bordas tapetadas de flores, muitas vezes nos illudem, qual o mal trajando as vestes do bem. E um dia chegaremos, como os Hebreus, depois de uma longa viagem, atravessando desertos abrasadores, á terra da Promissão, ao alvo de toda nossa esperança e de toda nossa gloria.

Caminhemos e não desanimemos, tomando por guia as eloquentes palavras do Dr. Aprigio Guimarães :

«Avante! A mocidade tem muito o que fazer. E se o dia tardar não desanimeis. Tambem para Colombo escoaram-se vinte annos desde aquelle em que elle vio o Novo Mundo com os olhos do espirito, até aquelle em que vio com os olhos do corpo.»

E sempre da mocidade caminhar, caminhar sempre, e esperar, como Colombo, que raie a aurora, annunciando o dia do festim a que deve assistir ella, a grande cruzada romeira da sua gloriosa palma, e no qual partirá a posteridade a descobrir um Novo Mundo, em busca tambem de sua corôa.

E neste sempre caminhar, se alguem nos perguntar quem somos, d'onde viemos e para onde vamos? Responderemos com a docil linguagem d'um peregrino: somos jovens e como jovens vamos procurar a luz que deve allumiar o templo do progresso e da civilisação dos povos. Somos a mocidade procurando o bem.

Viemos d'uma região, onde se procurava a luz e não se achava, onde para nosso espirito tudo era confusão e trevas, e vamos para o futuro alvo de nossa gloria.

O ENSAIO, cuja publicação hoje encetamos, vai correr mundo exposto a critica;

porém pedimos que critiquem os escriptos e poupem os autores.

Não é um periodico que vá ferir a ninguém, mas sim applicar-se a sciencia e a litteratura que, segundo diz um escriptor, se em geral é a historia do espirito humano, a litteratura especial d'um povo póde dizer-se a historia do progresso intellectual deste mesmo povo.

#### 11 DE AGOSTO

Memoravel dia da fundação dos Cursos Juridicos na rica terra da Santa Cruz.

Neste dia em que festejamos tão grande anniversario, tres idéas nos acodem simultaneamente ao espirito, preocupando nos a imaginação, taes são: liberdade, igualdade e fraternidade.

Liberdade, porque existe completo antagonismo entre a escravidão e a civilização, entre os ferros e os livros.

O povo ignorante é escravo, porque a propria ignorancia é um dos mais fortes vinculos, que lhe algemam os pulsos. A liberdade é irmã gêmea da luz, da civilização; portanto não póde haver liberdade em um povo ignorante, porque a ignorancia é a maior das escravidões, é a escravidão do espirito, e um povo só é verdadeiramente livre quando conhece os direitos e garantias que possui, assim como os deveres e obrigações que tem a observar. A verdadeira liberdade está alliada á civilização; é a vontade humana guiada por uma razão esclarecida, sem o que ella degenera em licença e anarchia. E' por consequente da civilização que nasce a liberdade, « não essa liberdade convulsa, que tem por crise a licença e por desastrosa consequencia o despotismo; mas, a liberdade reclamada pela natureza do homem, escripta pelo dedo de Deus nessa natureza, assim no fóro externo como no fóro interno, assim no Estado como na Igreja. Em summa, o homem sempre de pé, como rei da criação, preso pelos pés á terra, e pela cabeça e coração ao céo, feitas as strictas limitações urgidas pela coexistencia social.» (Discurso do Dr. Aprígio Guimarães na cadeira de Direito Publico em 1864).

Igualdade, porque é perante a lei que se estabelece o verdadeiro paralelo entre os cidadãos. Os homens são iguaes em sua essencia, todos são dotados dos mesmos direitos originarios, mas cada um delles tem maior ou menor somma destes mesmos direitos.

Por mais que queiram os communistas, nunca existirá igualdade entre os homens, a menos que não seja perante a lei, que com a espada da justiça rege igualmente os destinos dos ricos e dos pobres, dos potentados e dos plebeus.

E' das Academias de Direito, que sahem estas legiões de soldados, que com as taboas das leis em punho, fazem valer igualmente os direitos de cada cidadão, premiando e castigando igualmente as arções dos aulicos e dos plebeus.

Fraternidade, finalmente, porque nós constituimos uma sociedade, caminhamos pela mesma vereda, e nos dirigimos para o mesmo fim. Somos soldados de uma mesma cruzada, somos campeões de uma mesma idéa e abraçados com o *le monde marche* de Peletan, marchamos impavitos, não nos importando os espinhos que juncam a nossa estrada e que nos torturam os pés, porque estamos certos de que além e já fóra do alcance das settas mordazes, encontraremos a gloria.

Fraternidade, pois, é o laço que une esta mocidade, cujo destino é caminhar e caminhar sempre!

O dia 11 de Agosto, anniversario da fundação dos Cursos Juridicos no vasto imperio americano, surge no horisonte de nosso passado, qual ponto brilhante, servindo de marco divisorio entre as trevas que envol-

via o Brasil e a luz que desde então pouco a pouco se tem ateado.

Nós que somos as esperanças do futuro, os depositarios destas santas tradições, que recebemos das mãos dos nesses antepassados, nós finalmente que hoje fazemos parte destas fileiras que se preparam e arremetam para as lutas do futuro, não podiamos ficar indifferente perante este memoravel dia, sem que déssemos um solemne testemunho do apreço, que á elle dedicamos.

Foi por isto, que envidamos todos os esforços para solemnisal-o.

Como todos os annos, fizemos o nosso passeio triumphal por algumas ruas desta cidade, sendo saudados em nosso tracto por muitos de nossos collegas e companheiros nas lides escolasticas.

O jardim do Campo das Princezas, onde tocavam tres bandas de musica, estava brilhantemente illuminado a gaz e a veneziana, e além dos bancos alli existentes, haviam muitas cadeiras, que estavam completamente occupadas.

Finalmente terminou-se a nossa festa com um esplendido baile, que foi abrilhantado pela mais escolhida sociedade pernambucana.

Taes foram os festejos do dia 11 de Agosto.

H. C.

#### HISTORIA PATRIA

### ESBOÇO HISTORICO DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

POR  
H. C.

#### PARTE PRIMEIRA

#### CAPITULO I

CHRISTOVÃO COLOMBO—DESCOBERTA DA AMERICA.

Christovão Colombo, o celebre navegante genovez, á custa de estudos acurados e de um genio altivo e perspicaz, conseguiu formular em sua imaginação fogosa noções acerca da terra muito mais exactas, do que até então se haviam colligido.

Depois de estudos profundos, a que era arrastado por uma grande dedicação á navegação, dizia elle: « Estando a figura da terra conhecida e a grandeza de seu volume determinada com alguma exactidão, segue-se evidentemente que os continentes da Europa, Asia e Africa, não formam senão uma pequena parte da superficie do globo terrestre... E' pois mui natural, continuava elle, que o continente do mundo conhecido, collocado em um dos lados do globo, seja no hemispherio opposto equilibrado por uma quantidade de terra pouco mais ou menos igual a esse continente.» Além desta razão, citava elle ainda em favor da sua asserção diversas outras, como sejam o achar-se no mar cannas mais grossas, do que as existentes no mundo conhecido, o ter-se encon-

trado os corpos de dous estrangeiros, cujo aspecto muito divergiam das raças então conhecidas e muitas outras.

Estas e outras observações, filhas do estudo e da experiencia, convenceram Colombo da existencia de outro mundo, e a ambição de gloria despertou-lhe o desejo de descobri-lo; mas quanto tinha de recursos intellectuaes faltava-lhe de meios materiaes, o imperio da razão terminava e começava o poder despotico do ouro, tinha a intelligencia, mas faltava-lhe a riqueza.

Para reparar esta falta recorreu primeiramente a sua mãe patria, a quem desejava legar o fructo precioso de seus constantes e incansaveis estudos e esforços, mas a patria foi-lhe ingrata e mais que ingrata, cruel, porque escarneceu de seus projectos gigantescos, reputando-os chimericos.

O seu desprezo porém não o desanimou. Recorreu á D. João II, de Portugal, que tendo pelo contrario acreditado na veracidade de seu projecto, mas cioso da sua gloria, quiz revertel-a á si, para o que mandou secretamente uma expedição que, se servindo dos planos de Colombo, encontrasse o paiz promettido; mas a Providencia, que não dorme, mallogrou este ambicioso designio. O piloto mandado por D. João II para a descoberta da terra, depois de vagar pelos mares, voltou affirmando, que tal terra só existia na imaginação de Colombo.

Este novo golpe não o desanimou; firme em seus principios, dirigio-se a côrte de Fernando e Isabel, sendo que, só depois de cinco annos, e quando já se afastava de Hespanha, conseguiu desta o titulo de almirante de todas as ilhas e continentes que descobrisse.

Ao despontar da aurora do dia 3 de Agosto de 1492, depois da confissão geral dos tripolantes que eram em numero de 90, alóra alguns aventureiros e fidalgos, e levando provisões para um anno, sahiram do porto de Palos tres náos, numero de que se compunha esta tão arrojada expedição, que pelo objecto muito excedia a tão afamada dos Argonautas, e que entretanto era-lhe muito inferior quanto aos meios e disposição da marinagem.

Christovão Colombo commandava a maior destas náos, denominada *Santa Maria*, as outras duas, que eram apenas escunas e que se denominavam *Pinta* e *Nina*, eram capi-

taneadas a primeira por Martim Alonso Pinzon e a segunda por Vicente Yanez Pinzon.

Relatar todas as peripecias desta expedição ousada, seria escrever a historia de um grande engenho, seria mostrar a grande energia do espirito de Colombo, que sobranceiro á todas as adversidades, não se vergava nem a furia do oceano, nem a vontade rebelde dos tripolantes, mas isto seria objecto de volume, e o nosso intento, ainda que ousado, não chega a tanto. Apenas procuramos esboçar a historia de uma provincia do rico imperio sul-americano, começando por dar uma noção destes principios geraes, tão necessarios a historia de qualquer ponto da America.

Todavia não passaremos adiante sem que refiramos algumas passagens desta prodigiosa viagem.

Colombo, superior á todos os perigos, fazia do menor incidente objecto da mais apurada observação. O movimento marítimo, a diversidade dos peixes, as hervas que fluctuavam á tona d'agua, convertendo o oceano em uma vasta campina movediça, os passaros que voavam e a direcção de seus vôos, tudo passava pelo cadinho de sua perspicaz imaginação.

Depois de tres mezes de viagem, os nautas já sem nenhuma esperanza de encontrarem terra, resolvem obrigar á Colombo á retrogradar, e outros mais audazes determinam lançal-o ao mar; mas Colombo sempre nobre, sempre firme em suas idéas, conseguiu ainda vencer este perigo, promettendo aos mais nobres a gloria, aos ambiciosos riquezas e aos interessados recompensas. Mas de pouco effeito foram estas promessas, não tardou que elles redobrassem em clamores e com horriveis ameaças exigissem a volta, ao que Colombo respondeu, pedindo ainda as suas obediencias por tres dias, no fim dos quaes elle voltaria se não houvesse descoberto terra alguma.

Com effeito, no terceiro dia avistaram terra!

Ao ancorarem no dia 12 de Outubro de 1492, Colombo com o estandarte de Castella em punho e seguido de alguns da comitiva saltou em terra e apossou-se della em nome da corôa de Castella.

Era a ilha *Guanahani* a que Colombo deu o nome de *S. Salvador*.

Em 1498 em sua terceira viagem descobriu finalmente o continente, ao qual denominam America, nome proveniente das descobertas e explorações que Americo Vesputio fez depois d'elle em parte de suas costas, conseguindo assim usurpar uma gloria que só a Colombo pertencia, qual a de dar o nome á terra que descobriu.\*

E este homem que legou ao mundo outro mundo, morreu em 1506, despojado de todo o poder, victima da ambição e da calúnia.

## CAPITULO II

PEDRO ALVARES CABRAL — DESCOBERTA DO BRASIL

Pedro Alvares Cabral, mandado por D. Manoel, rei de Portugal, á India, com uma esquadra composta de dez caravellas e tres navios, para ahí fundar o estabelecimento dos portuguezes e finalizar por esse modo a obra encetada por Bartholomeu Dias e continuada por Vasco da Gama, que chegou até Calecut, onde lançou a primeira pedra do poder portuguez, e tendo de afastar-se da Costa d'África para evitar as calmarias, levado pelas correntes oceanicas, que ainda então eram desconhecidas, descobriu casualmente o Brasil á 22 de Abril de 1500.

Todavia não foi Cabral o primeiro descobridor do Brasil, e isto está claramente provado pela nota anterior, pela historia do Brasil de Southey e por um historiador pernambucano, que se exprime do modo seguinte: « Já antes d'elle (isto é, de Cabral), tres navegadores haviam tocado em alguns pontos desta parte do continente americano.

Segundo se tem averiguado hoje, em fins de Junho de 1499, Alvaro Hojeda, acompanhado de Americo Vesputio e de João de la Coza, surgiu a uma das boccas do rio das Piranhas ou Apody, na hoje provincia do Rio Grande do Norte; e Vicente Yanez Pin-

\* Diz o Sr. José Bernardo Gama e prova satisfactoriamente em suas *Memorias historicas da provincia de Pernambuco* que a America não foi descoberta por Colombo, como geralmente está admittido, mas sim por Martim Behem que, de viagem para Congo e impellido por uma forte tempestade, descobriu as praias de Pernambuco em 1484.

Uma das provas mais robustas que apresenta elle em favor de Martim Behem é o ter elle publicado um globo em que descrevia as costas do Brasil e as vizinhanças do estreito de Magalhães, determinando até suas latitudes e longitudes, no mesmo anno em que Colombo vagava pelos mares em busca deste mesmo mundo.

zon—o mesmo que fizera parte da expedição de Colombo—sahindo de Palos com quatro caravellas a 18 de Novembro de 1499, a 25 de Janeiro de 1500 avistou a ponta de terra a que chamou *cabo de Santa Maria de la Consolation*, e que é sem duvida o que depois chamaram os navegadores portuguezes *cabo de Santo Agostinho*, na actual provincia de Pernambuco, e continuou a sua derrota até diante da fôz do Amazonas, costeando ou pelo menos avistando quasi toda a costa do norte do Brasil.

O terceiro navegante que antes de Cabral avistou terras desse territorio, que tanto iria enriquecer Portugal, foi Diogo de Lyra, que, sahindo com duas caravellas do porto em que este se achára, teve de lutar com os indigenas do Maranhão.

Apezar disto é a Cabral que a historia e a posteridade discriminam a gloria da descoberta do Brasil, e isto porque as tres precedentes explorações não tiveram resultados nem alguém que as ordenasse.»

Cabral a primeira cousa que avistou desta terra admiravel foi um monte, a que denominou *Monte Paschoal*, em virtude do dia em que foi descoberto, e a toda a terra *Vcra Cruz*, que depois foi mudada em *Santa Cruz*, e finalmente em Brasil, por causa da grande quantidade de páo brasil, que abundava em suas mattas.

Assim desprezou-se um nome tão augusto, dictado pela religião, por um que symbolisava a avidez e cobiça do ouro.

Navegando para o norte, em procura de porto, ancorou em um a que denominou *Porto Seguro*. Saltando em terra com todos os apparatus que o caso requeria, foi recebido amigavelmente pelos indigenas, que bem longe estavam de suppôr que mais tarde haveriam de ser reduzidos a vil condição de escravos.

A 26 de Abril, Fr. Henrique, em presença de Cabral e dos indigenas, que se conservavam estupefactos, celebrou o santo sacrificio da missa no meio desta esplendida natureza, e pela primeira vez esta terra maravilhosa echoou com as palavras santas do Evangelho. No dia 1º de Maio repetio-se a mesma solemnidade em frente de uma cruz alvorada no continente, e que tinha gravadas as armas de Portugal.

Tal foi o precioso sinete com que Portu-

gal sellou a sua grande descoberta, e que infelizmente tantas vezes foi maculado.

Cabral despachou para Portugal, afim de fazer sciente a D. Manoel da sua preciosa descoberta, uma caravella commandada por Gaspar de Lemos, que, como prova do thesouro achado, levava armas e outros objectos de uso dos selvagens, e segundo alguns escriptores, levava até um ou dous delles.

Deixando em terra dous criminosos que estavam condemnados ao degredo, partio no dia 2 de Maio para o Oriente, fim unico de sua viagem.

A noticia de tão preciosa descoberta foi recebida com agrado da côrte de D. Manoel; todavia como suas vistas avidas do commercio estivessem voltadas para a India, o Brasil ficou condemnado ao desprezo.

(Continúa.)

## FOLHETIM

### O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

#### PARTE I

#### CAPITULO I

##### SERGIO.

Era um bellissimo dia de outomno do anno 408 de Christo; o céu sorria, e os raios do sol reflectiam nas douradas aguas do Tibre, sobre que via-se, não longe da ponte *Palatino* e justamente onde outr'ora era a ponte *Sublício*, uma barca á maneira da pequena galeira, a qual servia para transportar de uma á outra margem do rio os habitantes do Aventino, que dest'arte encurtavam o caminho.

Na hora em que começa a nossa narração, a barca achava-se amarrada a um mourão de ferro fincado na margem lamacenta do rio; um homem e um menino nella estavam sentados: o menino divertia-se, mergulhando um tubo n'agua; o homem, sentado á prôa, com uma perna sobre a outra, tinha o cotovello apoiado no joelho, arrimando a frente com a dextra. Parecia mais velho do que o era realmente; o seu rosto, outr'ora bello, mostrava-se agora sulcado por profundas rugas. Tinha uma curta capa de lã parda, que deixava descobertos os seus robustos braços, e as pernas musculozas; um gorro de fórma conica, da mesma côr do manto, descia-lhe até as sobranceiras, e uma bolsa de pelle pendia-lhe do lado esquerdo, presa por uma cinta de couro, que lhe atravessava o peito a tiracol.

Immovel qual uma estatua, elle permanecia immerso na sua meditação, quando o menino gritou:

— Sergio! Sergio! uma senhora e um cavalheiro.

O barqueiro levantou-se sorprezo, como se desesperasse do somno; depois entrou a apparellhar a barca.

Os dous, que queriam atravessar o Tibre, eram um joven de quasi vinte e seis annos de idade, e uma rapariga de vinte annos apenas. Ambos trajavam ricamente: ella usava um vestido de seda branca, guarnecido de largas espiquilhas de prata; um manto de fina lã carmezina cobria-lhe a frente, ondeando-lhe em

largas dobras sobre os hombros. Podia-se dizer formosa: tinha os cabellos negros, os olhos retintos, a cutis alva como a neve e nacarada como a rosa, perfeitos os traços physiognomicos, e o semblante animado por uma expressão de incudiosa alegria.

Elle tinha as feições mais expressivas e viris, com tudo muito se lhe assemelhava; não usava o manto, porque essa classica veste era usada por poucos nos principios do IV seculo, e começava a cabir em desuso. Naquelle tempo o luxo nada tinha de grande, era por assim dizer um luxo de velhos vestidos dourados, em que liberalisavam-se avultadas sommas em sedas, espiquilhas e perolas; mas bem pouco despendia-se em objectos de bellas-artes. A mania de trajar sumptuosamente era tão grande, que S. Jeronymo inveitava contra ella em suas epistolas. Os verdadeiros christãos vestiam com decente simplicidade, mas si bem que dominasse a religião de Christo, o numero dos gentios era igual em Roma ao dos christãos; sem contar com aquelles que, não professando religião alguma, adornavam-se com a effeminada exquitiçoe dos idolatras.

O nosso joven, pois, ornado como estes ultimos, tinha a tunica de côr de amarantho, recamada de flores douradas; os seus cabellos e a barba trescalavam ambar, os grossos aneis brilhavam-lhe entre os dedos, e abanava-se com um leque.

Dous escravos moços, phantasticamente vestidos, acompanhavam seus senhores; e afim de guardal-os dos raios solares, cada um conduzia um guarda-sol de seda.

A joven precedia o irmão, e saltando aproximava-se da barca; mas recuou em attitude sobranceira diante do barqueiro, que, querendo ajudal-a a aproximar-se da margem, estendia-lhe a negra e calosa mão.

Sergio presentio a incivil repugnancia da fidalga, e cruzando os braços sobre o peito, sorriu-se ironicamente.

— Alto, Valeria, não te avizinhos muito do rio; o Tibre é uma fera que não restitue jamais a sua presa; disse o joven vendo que ella muito se aproximava da margem.

Elle sorriu-se com alegria, depois saltou na barca e ahí sentou-se; o mancebo imitou-a, e os escravos accommodaram-se para um canto.

Ligeira foi a passagem; a barca chegou depressa á margem opposta; os passageiros saltaram em terra e retiraram-se, esquecendo a paga devida ao barqueiro.

Sergio não se importou com isto, e indifferente assistava os remos da barca, quando o menino gritou aos dous jovens descuidosos que se afastavam:

— Senhores, não pagastes a passagem.

A' estas palavras a joven se voltou e, rindo-se, máo grado seu, accrescentou:

— Pobre Marcello! os credores te perseguem por toda a parte; mas não temas, eu repararei a tua falta.

Dizendo isto, Valeria aproximou-se á barca, e estendeu a sua pequena mão para dar uma moeda de prata ao barqueiro.

— E', pois, o que me deveis? disse o velho, repellindo bruscamente a branca mão, que lhe offerecia a moeda.

— Os fidalgos não pagam senão a ouro e prata, respondeu a joven, atirando a moeda na barca.

Pela primeira vez Sergio fitou a joven, que até então olhára distrahido, e empallidecendo tremeu da cabeça aos pés. Longo tempo permaneceu elle immovel, qual marmorea estatua, seguindo com a vista a joven, que afastava-se; depois limpo o gelido suor, que banhava-lhe a frente, e disse em tom submisso:

— Foi um sonho cruel o meu; foi a voz da minha consciencia.

— Sergio, um cavalheiro quer atravessar o rio, disse o menino apontando a margem opposta.

Sergio enxugou uma lagrima que lhe tremulava nas palpebras, e impellindo a barca seguiu para a margem d'onde partira.

Desta vez um homem de idade avançada entrou e sentou-se vagarosamente na barca, tendo na dextra um volumoso pergaminho machucado.

Elle tinha o aspecto demasiadamente severo e grave; vestia um longo habito negro, coberto em parte por uma tunica á moda grega; á barba comprida e espessa tocava-lhe os peitos; e seu rosto pallido e descarnado era moreno como o de um arabe. Tinha a fronte espaçosa, e seus olhos brilhavam com um fogo sobrenatural, qual si nelles scintillasse o summo genio, que esclarecia-lhe a mente.

Passado o rio, o homem da barba *grisalha* saltou em terra, e depois de haver dado uma pequena moeda de cobre ao barqueiro, disse-lhe em tom piedoso:

— Irmão, és velho, e o teu mister é fatigoso; si te apraz, poderei collocar-te na casa de uma discreta matrona; e ahí te descansarei na tua velhice.

— Só na sepultura devo descansar, respondeu Sergio bruscamente.

O cavalheiro não comprehendeu o sentido destas palavras; e não sendo aceita a sua offerta, dispoz-se á partir; mas pensando melhor, voltou para dizer:

— Tenho pressa, e não me posso entreter contigo; mas si precisares de recuse e de conselho, sóbe o monte Aventino, na casa da Sra. Marcella, e procura Jeronymo o *Dalmata*.

— Jeronymo! Jeronymo! repetio o barqueiro, como si quizesse trazer á mente uma vaga memoria; depois sentou-se na barca, e até ao crepusculo transportou de uma á outra margem uma multidão de passageiros, quasi todos plebeus, os quaes barulhavam a mais não poderem, atirando as suas mordazes chufas ao barqueiro, que, com impassivel serenidade, governava a barca.

Ao anoitecer, Sergio amarrou a barca á margem, e procedeu a contagem de quanto havia ganho; depois, pegando duas moedas, collocou-as na bolsa; e dando o resto ao menino, disse:

— Leva este dinheiro á tua mãe, e dize-lhe que, como de costume, me entommente á Deus.

Dito isto, Sergio lançou os olhos para o menino, que partio correndo; depois seguiu para o Aventino; mas antes disto foi á bodega d'um padeiro, afim de comprar um daquelles pães chamados *pães plebeus*; e sentou-se á borda de um tanque de porphido situado não longe d'alli. A luz do facho resinoso do padeiro allumiava aquelle pobre velho, que exaustado de cansaço do dia, fartava-se com um pouco de pão.

Emquanto o barqueiro devorava a sua frugal comida, um joven cavalheiro de alta estatura, vestido diversamente dos seus costaneos, pois que usava o habito que não estava mais em moda, e cujo rosto pallido tinha uma expressão de tristeza, que mal dizia com a sua fresca idade, dirigio-se á Sergio; e depois de contemplar-o, disse-lhe com benevolencia:

— *Prosil*, Sergio; comes sobriamente como um philosopho grego.

— Graças, patricio Decio Fulvio, respondeu Sergio erguendo-se para saudar o joven.

— Que faz a tua barca? Hoje a deixaste mais tarde do que é de costume; proseguio o cavalheiro obrigando o barqueiro a sentar-se de novo.

— Do nascer ao pôr do sol, não tenho feito outra cousa senão transportar de uma á outra margem.

— Muito de afanas, bom Sergio, e quando a noite te traz o repouso, deves estar bem exaustido.

— Ao cahir da noite eu não sinto o labor de um dia trabalhoso; e alegre-me ao pensar que um dia de menos é passado, levando um dia á minha existencia, disse o barqueiro tristemente.

— Pobre velho! desejas que a morte ponha termo á tuas penas, retorquiu o cavalheiro Decio Fulvio.

— De ha muito o desejo, mas a cruel me foge, tornou Sergio, taciturno.

— Escuta, amigo, replicou o joven sentando-se á borda do tanque; eu entretanto sou só no mundo; não tenho parentes, e amigos conto-os bem poucos. A solidão me peza; meu amigo: morará na minha casa, e não terás mais necessidade de arrastar uma vida tão penosa.

— Obrigado, cavalheiro, tens um coração generoso, mas eu não mereço a tua bondade, disse Sergio comovido.

— Ah! vem, narrar-me-has as tuas desventuras, e

eu chorarei contigo, respondeu Decio em tom persuasivo.

O barqueiro levantou-se, como para occultar o pranto; depois acalmando-se, replicou:

— Não me falles das minhas desventuras, não me perguntes quaes foram ellas, si não me queres dilacerar o coração... E's descendente de uma nobre estirpe, e não degeneraste de teus avós; és louvado pela tua generosidade; pois que estendes a mão ao pobre, e não te desprezas de chamal-o amigo.

E depois de apertar a mão do joven, Sergio afastou-se d'elle precipitadamente em direcção da Porta Capena, deixando o cavalheiro Decio Fulvio suspenso e mal satisfeito da recusa.

(*Continúa.*)

## A NOITE

(AO DR. JOSÉ BANDEIRA DE MELLO, — LEMBRANÇA DO SEU CONDÍSCIPULO DE OUTR'ORA.)

*Night, sable goddess! from her ebon throne,  
In rayless majesty, now stretches forth  
Her leaden sceptre, o'er a slumb'ring world.  
Silence, how dead! and darkness, how profound!  
Nor eye, nor list'ning ear, an object finds;  
Creation sleeps.....*

(YOUNG. *Night the first.*)

Outros queiram o dia, e fascinados  
Pela sua lucifera belleza  
Suspirando por elle enamorados  
O proclamem—primor da Natureza:  
Outros, só ao prazer acostumados,  
Façam-n'o embora em toda a Redondeza;  
Que eu tanto não farei, que em meu retiro  
Desses, desses em tudo, assaz diffiro.

Eu, pobre trovador, que desde o berço  
Entregue á um fado máo, que me flagella,  
Da Fortuna os dons vejo, sem que um terço  
Tenha gozado em paz suave e bella;  
Eu antes quero a Noite: e, si ora exerço  
O plectro no alaúde, é só por ella;  
Quero-a porque minh'alma em luto existe,  
E só o, que triste é, compraz ao triste.

Qual sensata matrona, em cujo rosto  
Formosura não ha, porém cuja alma  
E' de virtudes mil raro composto;  
Tal é a Noite somnolenta e calma:  
A Noite sempre aufero pleno gosto,  
A Noite ao proprio Dia leva a palma;  
Pois mesmo no sombrio—escuro manto  
Encerra primor summo, e summo encanto.

Refrigerio da lassa Humanidade,  
Da lassa Humanidade certo abrigo;  
Doce motora da Eternal Bondade,  
Motora liberal do somno amigo:  
Amena paz, gostosa soledade,  
Mimo celestial, deusa do Antigo;  
Protectora da languida ternura,  
Gloria d'amor, prodigio da Natura...

Sim, eu amo das trevas a rainha,  
Amo o silencio seu, sua tristeza;  
(Tal meu genio exquisito! Tal a minha  
Excepcional, estranha natureza!)  
Pois della, que surgido ahí vem asinha,  
Só conheço bonança e gentileza,  
Amo-a, sim, amo a sua escuridade,  
Melhor do que a diurna claridade.

E' bello, é bello o Sol, de luz tão pleno ;  
 Mas não me agrada, não, a luz, que é sua ;  
 Eu antes quero esse fulgor ameno,  
 Esse pallor sympathico da Lua :  
 Oh como é doce o vél-a em céo sereno !  
 Oh como nos deleita, semi-nua,  
 Quando surgindo vem de traz dos montes,  
 Seus cumes prateando, e as frescas fontes !

Tranquillamente em extasis absorto,  
 O espirito contempla, a alma se enleia ;  
 Alento cobra o coração já morto,  
 E a mente arrebatada devaneia :  
 A noite... a noite ! terreal conforto !  
 Quietação de attractivos sempre cheia !  
 A' quem ama, aos Torquatos e Eleonoras,  
 Como é doce o scismar á taes deshoras !

Como bole nos ramos do arvoredo  
 A brisa, manso e manso ! Que rumores !  
 Como indolente o rio, á furto, á medo  
 Se espreguiça ! Que Edenicos frescores !  
 Tão calmo o firmamento ! O mar tão quedo !  
 Que delicias ! Que sonhos ! Que primores !  
 No campo, aqui nas róridas alfombras,  
 Sob o docel das bemfazejas sombras !

Eu amo, pois, a Noite ; a Noite apraz-me,  
 Quando o véo estellifero desdobra,  
 Aos moraes males meus allivio traz-me,  
 E meu ser no seu seio alento cobra :  
 Oh sim, enquanto a creença esperar faz-me  
 E o lenho desta vida não sossobra,  
 Eu amo a noite tacita e sombria ;  
 Pois só nella acho Amor e Poesia.

1869.

P. B.

### HYMNO ESCOLASTICO

*Ignorance is the curse of God,  
 Knowledge's wing wherewith we fly to heaven.*  
 (W. SHAKSPEARE.)

VOZ :

Lidadores constantes da idéa,  
 Detestamos a força brutal ;  
 Nossos livros... taes são nossas armas,  
 Na incruenta batalha moral.

CÔRO :

Sus, infantes soldados das letras,  
 Co'as divisas de branco e de azul !  
 A victoria requer o combate...  
 Sus, em prol do Cruzeiro do Sul !

VOZ :

N'alma a creença, no peito a esperança,  
 E no craneo o talento a ferver...  
 Que nos falta ? A instrução, que na fonte  
 Procuramos do estudo beber.

O terreno requer a cultura,  
 O espirito o ensino requer ;  
 Pois, sem elle, jamais dar nos póde  
 Um bom fructo, um bom fructo siquer.

O talento nas trevas envolto  
 Da ignorancia não póde medrar ;  
 E' formoso diamante inda bruto,  
 Que dest'arte não póde brilhar.

O estudo é no mar desta vida  
 Sempre vivo, luzente pharol ;  
 O estudo é thermometro d'alma,  
 O estudo é do genio crysol.

Só por meio do estudo é que um povo  
 Se engrandece, se torna feliz ;  
 — Que o attemem Athenas e o Lacio,  
 Que o atteste a elegante Pariz !

Esta nobre e efficaz sementeira  
 Cultivemos, com intimo affã ;  
 Quem cultiva afinal sempre colhe...  
 Dil-o a vivida creença christã.

Pede a patria modernos Atlantes,  
 Dignos filhos, perfeitos varões ;  
 Procuremos ser-lhe uteis um dia,  
 E doar-lhe gentis tradições.

Tudo marcha no mundo, e caminha  
 Em demanda do Bello e do Bem ;  
 Jovens somos : que mais ? Prosigamos,  
 Condiscipulos charos, além !

E' difficil ao monte escabroso  
 Da formosa sciencia subir ?  
 Não importa. Coragem ! Firmeza !  
 Que d'além nos acena o porvir.

CÔRO :

Sus infantes, etc.

1875.

FRANCINO CISMONTANO.

### WOLSEY E CROMWELL

(DA TRAGEDIA HENRIQUE VIII, DE W. SHAKSPEARE)

W.

Adeus, minha grandeza, adeus p'ra sempre.  
 — Tal é a triste condição do homem :  
 Hoje rebentam da esp'rança as folhas,  
 Amanhã lindas flores, que o guarnecem ;  
 A elle, que conduz as suas honras.  
 Vem no terceiro dia uma geada,  
 Uma geada atrophiadora ; e quando  
 Elle—credulo e faeil—bem segura  
 Julga a propria grandeza, eil-a que morre ;  
 E, como eu baqueei, elle baqueia.  
 Eu me arrojéi durante longo tempo  
 N'um mar de gloria, impavido nadando,  
 Como inconscias crianças sobre boias ;  
 Sem ver ao longe o sorvedouro immenso.  
 Meu desmarcado orgulho finalmente  
 Cavou-me aos pés o abysmo, e abandonou-me  
 Cansado e encanecido por serviços  
 A' mercê de uma horrivel tempestade,  
 Que submergir-me para sempre deve.  
 Inutil pompa e gloria deste mundo,  
 Eu vos detesto ! O coração se me abre...  
 Oh ! quanto é desgraçado todo aquelle  
 Que das mercês dos principes depende !  
 Entre aquelle sorriso, que se aspira,  
 E aquelle brando aspecto e as ruinas,  
 Por ellas de continuo mctivadas,  
 Mais sobresaltos ha, mais amarguras,  
 Do que em guerras talvez, do que em mulheres.  
 Ah ! Que esse quando cae, cae como Lucifer,  
 Para não mais se erguer.

(Vendo Cromwell, que entra admirado).  
 Que é isto, Cromwell ?

Que ha de novo ?

C.

Senhor, nem tenho agora  
 Animo de fallar-vos.

W.

Que ! Te espantas  
 Dos infortunios meus ? Será possível  
 Que surpreza ao espirito te cause  
 De um grande homem a queda ? Mas, tu choras...  
 Estou perdido, é certo.

**C.**  
Como passa

Vossa eminencia ?

**W.**  
Bem, optimamente ;

Nunca, meu charo Cromwell, tão completa  
E verdadeiramente venturoso ..  
Agora me conheço, sim, agora  
Uma paz dentro em mim sinto, que excede  
A todas as terrenas dignidades,  
Uma tranquilla e limpa consciencia.  
Me ha protegido Sua Magestade :  
Compassivo tirou-me destes hombros,  
Destas columnas nimio arruinadas,  
Um peso, que á uma não afundaria ;  
Tamanho obsequio, tão subida honra  
Submisso lh'agradeço. Meu bom Cromwell,  
E' um fardo por demais pesado e grande  
A' quem aspira o céo.

**C.**  
Folgo que houvesseis

O uso conveniente feito delle.

**W.**

Creio que o fiz. E agora... me parece,  
Por uma força de animo que sinto,  
Ser-me-ha possível supportar agora  
Mais e maiores sacrificios, que esses  
Que os meus encarniçados inimigos  
Obrigam-me a soffrer. Que novas temos ?

**C.**

As mais tristes, as peiores : o desgosto  
D'el-rei comvosco...

**W.**  
Deus o abençõe !

**C.**

Eleito chancellor Sir Thomaz More,  
Em o vosso lugar, a substituir-vos...

**W.**

Precipitado isto é, té certo ponto ;  
Mas elle é um varão douto, esclarecido.  
Oxalá continue por muito tempo  
Em o real favor ! Faça justiça  
Afim de que, quando haja preenchido  
O curso de seus dias sobre a terra,  
Tenham seus tristes, descarnados ossos  
Um tumulo, das lagrimas banhado  
Dos orphãos ! Nada mais ?

**C.**

A volta, a escolha  
De Cranmer, Arcebispo de Cantuaria...

**W.**

Isto é novo, por certo !

**C.**

Anna Bolena,  
Emfim, com quem el-rei já muito havia  
Clandestino consorcio contrahira,  
Hoje na qualidade de rainha  
Em publico, hoje mesmo, apresentou-se  
Caminho da Capella ; e sobre a sua  
Coroação somente é que se falla.

**W.**

Eis, ó Cromwell, o que me acabrunhava !  
El-rei me assoberbou. As minhas glorias,  
Todas, nessa mulher perdi p'ra sempre.  
Nenhum sol ha de mais as minhas honras  
Divulgar no universo, nem de novo  
Seus reflexos lançar sobre mil nobres,  
Que dos sorrisos meus se alimentavam.  
Vai, ó Cromwell, sim, vai ; de mim te aparta ;  
Pois que eu sou um pobre homem decahido,  
Indigno agora, emfim, de ser teu amo.  
Procura agora el-rei. Eu faço votos,  
Afim de que este sol não tenha occaso !  
Informado por mim, já elle sabe  
Quão verdadeiro és tu, e quanto vales.  
Elle te ha de estender seu regio manto,  
Lembrando-se de mim—sem recompensa  
Elle não deixará os teus serviços.  
Eu o sei, sua indole eu conheço !  
Não o esqueças nunca, meu bom Cromwell,  
Aproveita o ensejo, afim prepara  
Tua propria futura segurança.

**C.**

Oh ! Senhor, devo eu, pois, abandonar-vos ?  
Devo eu abandonar tão bom, tão nobre,  
Tão verdadeiro protector ? O' todos  
Vós, que não tendes coração de ferro !  
Eu vos conjuro : véde com que magoa  
Cromwell despede-se hoje de seu amo !  
Senhor, el-rei terá os meus serviços ;  
Os meus votos, porém, estes p'ra sempre  
Vos hão de pertencer.

**W.**

O' Cromwell ! Nunca

Suppuz que em toda a minha má ventura  
Uma lagrima apenas derramasse ;  
Mas ah ! tu me forcaste, com as tuas  
Affectuosas expressões sinceras,  
A' fazer o papel de fraca dama.  
Limpemos nossos olhos. Sim, escuta :  
Quando eu fôr esquecido sobre a terra,  
Como hei de ser ; quando eu jazer na campa,  
Onde não mais de inim ninguem se lembre ;  
Dize : « Wolsey me instruiu, Wolsey que um dia  
Trilhou da gloria a senda, e que da honra  
Os abysmos e escolhos sondou todos,  
Um trilho certo (bem que o houvesse errado)  
Um trilho certo me ensinou, por onde  
Eu me podesse dirigir seguro. »  
Recorda a minha quéda, nem te olvides  
Jamais do que causou minha ruina.  
Longe de ti, ó Cromwell, eu te ordeno,  
Longe a ambição ! Por causa desse enorme  
Peccado foi que os anjos se perderam.  
Como ha de o homem, pois, fiel imagem  
Do Creador, lucrar por meio della ?  
Não te cegue o amor proprio, estima a quantos  
Te votarem rancor : a honestidade,  
Não mais do que ella, a corrupção conquista.  
Conduze a meiga paz em tua dextra,  
Para silencio impôr a negra inveja.  
Justo sé, e não temas ; que os fins todos  
Que em vista houveres, sejam em proveito  
Ou de Deus, ou da Patria, ou da Verdade :  
Então, si tu caheres, meu bom Cromwell,  
Cahirás como abençoado martyr.  
Serve á el-rei, e... Me leva para dentro,  
De todos os meus bens faz inventario,  
Té o ultimo ceitil ; á el-rei pertencem.  
A minha roupa, a minha integridade  
Perante o Céo, eis tudo quanto agora  
Me atrevo a chamar meu. Oh ! si eu tivesse  
Servido á Deus apenas co'a metade  
Do zelo com que á el-rei servido tenho,  
Elle não me deixára na velhice  
Dos adversarios meus entregue á furia.

**C.**

Paciencia, senhor.

**W.**

De sobra, a tenho.  
Esperanças da Côte, adeus p'ra sempre !  
Estão no Céo as minhas esperanças.

Abril de 1875.

FRANCINO CISMONTANO.

## AVISO

Consideramos assignantes todas as pes-  
soas, que aceitarem o nosso periodico e não  
o devolverem, e desde já nos confessámos  
summamente gratos aos que assim se digna-  
rem auxiliar a nossa empreza, que, sendo  
tão commoda, necessita para sua conserva-  
ção nunca menos de 300 assignantes.